

*“Que todos sejam um”*

**CARTA AOS PRESBÍTEROS**

**ANO SACERDOTAL**

**19 de junho de 2009 – 11 de junho de 2010**

**“Procura crer no que leres, ensinar o  
que creres, praticar o que ensinares.”**

*(da homilia da ordenação presbiteral)*

## **Carta por ocasião da celebração do Ano Sacerdotal**

**Ao venerável clero da Arquidiocese de São Sebastião  
do Rio de Janeiro, saúde e paz no Senhor Jesus!**

**Amados presbíteros,**

### **1. Introdução**

Desde que assumi o governo pastoral da querida Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 19 de abril de 2009, tinha vontade de escrever uma carta pastoral. Pensei em fazê-lo sobre o trabalho pastoral, mas como estamos justamente na preparação do Plano de Pastoral, achei que seria melhor aguardar os passos que serão sugeridos nesse processo que já iniciamos. A oportunidade do Ano Sacerdotal, convocado pelo Papa Bento XVI, faz com que eu possa escrevê-la destinada a todos os presbíteros desta nossa amada Igreja Metropolitana. Nesse contexto, me proponho a compartilhar alguns pontos acerca do exercício do ministério sacerdotal com os presbíteros, os primeiros colaboradores da nossa ordem episcopal.

Fico feliz em celebrar com esta carta 13 anos de minha primeira nomeação episcopal e o primeiro aniversário da nomeação para a Arquidiocese do Rio de Janeiro. Neste tempo de Rio de Janeiro, acredito que já tive a oportunidade de conhecer um pouco a alma de nossa cidade e me identificar com a sua cultura e realidade. Também a alegria de estar com aqueles que estão próximos e levam junto comigo o peso do dia e do calor, que são os presbíteros. Como o “sim” de Maria me inspirou e acompanhou nesses anos, peço a

Deus que juntos tenhamos a mesma disponibilidade para que possamos, da mesma forma, “mostrar”, anunciar Jesus Cristo ao mundo, inspirados em Sua Mãe.

Louvo a Deus por estar nesta cidade e estar vendo tão belos exemplos de dedicação na missão sacerdotal. Em todas as situações e idades encontro a cada dia sacerdotes que, segundo o coração de Jesus, se dedicam com afinco na missão de estar com o povo de Deus nos mais variados e dificultosos problemas. As dificuldades, perseguições e ameaças que passam os nossos padres são gratuitas, próprias de uma cidade violenta, embora também maravilhosa pela natureza e pelo seu povo em geral. Desde o aviso de minha nomeação para servir a esta arquidiocese, há um ano, acolhi a todos de coração, mas, de maneira especial, os presbíteros desta Igreja Particular. Sou testemunha da heroicidade da missão de tantos sacerdotes que, no silêncio do seu sacrifício e de sua missão, vivem alegremente a sua fé e missão. Acredito que um presbitério unido ao seu bispo e caminhando na paz pode e deve fazer uma grande diferença na missão com o querido povo de Deus que caminha como Igreja aqui no Rio de Janeiro.

Agradeço de coração sincero a calorosa acolhida que tive por parte desta cidade e também do nosso querido clero, e, em especial, dos Bispos Auxiliares e Eméritos. Temos ainda um longo caminho a percorrer, mas a alegria é que já estamos iniciando essa caminhada. Cada época supõe respostas próprias para os nossos questionamentos. Abraço afetuosamente todos os queridos presbíteros, e peço a Deus para que neste Ano Sacerdotal possam viver unidos e com entusiasmo renovado.

## **2. A vida do pároco**

**2.1.** Desde que chegamos ao Rio de Janeiro notamos o empenho continuado de nossos padres no atendimento aos seus fiéis. São edificantes os exemplos que tenho observado, em minhas visitas, colóquios, reuniões, procissões, missas, celebrações, para liturgia e encontros pessoais. Noto, e isso me deixa repleto de alegria, que há um empenho grandioso em todos os presbíteros para serem o rosto de Jesus Cristo nesta cidade maravilhosa. Apesar dos problemas como a insegurança, a violência, o tráfico de drogas, a ausência de moradia, entre tantas mazelas da vida urbana em nossa cidade, como em geral nas megalópoles latino-americanas, aqui todos têm na presença da Igreja um sinal de esperança e partilha.

Nesse contexto, parece que os sacerdotes que já estão no exercício do seu ministério, devido ao acúmulo de serviços hoje sofrem uma excessiva dispersão nas crescentes atividades pastorais e, frente à problemática da sociedade e da cultura contemporâneas, sentem-se impulsionados a questionar seu estilo de vida e as prioridades dos trabalhos pastorais, ao mesmo tempo em que notam, cada vez mais, a necessidade de uma formação permanente. Muitas vezes ouvi as dificuldades do número de pastorais, serviços, grupos e movimentos, que a cada dia são sugeridos, e o problema de encontrar pessoas para levar à frente esses trabalhos. Porém, as exigências do mundo contemporâneo a cada dia crescem e não podemos parar onde estamos. Creio que os encontros nas foranias (eu entreguei a cada um uma sugestão de reuniões mensais sobre a vida sacerdotal), vicariatos e em nossas celebrações especiais (como as peregrinações e solenidades) devem nos ajudar a viver a comunhão entre nós, da qual temos necessidade e somos chamados a tender.

Com relação a isso, é necessário levar em consideração que a paróquia, ainda que tendo certa autonomia, não pode ser uma ilha, especialmente em nosso tempo, na qual abundam os meios de transporte e de comunicação. As paróquias são órgãos vivos do único Corpo de Cristo, da Igreja, na qual se acolhe e se serve tanto

os membros das comunidades locais como todos os que, por qualquer razão, afluem a ela em um momento que pode significar a ação da graça de Deus em uma consciência e em uma vida. Necessitamos encontrar sempre novos meios de estar presentes junto ao nosso povo, tendo as nossas igrejas e capelas abertas e promovendo encontros, celebrações, direção espiritual, formação e outras atividades para que todos tenham possibilidade de dar passos na caminhada cristã.

A função de guiar a comunidade como pastor, tarefa própria do pároco, deriva de sua relação peculiar com Cristo, cabeça e pastor. É uma função que reveste caráter sacramental. Não é a comunidade que confia esta tarefa ao sacerdote, e sim, por meio do Bispo, ela lhe vem do Senhor. Sempre que imponho a estola sobre os novos párocos, recordo-lhes que ela, além do sinal e significado do poder-serviço, significa o sinal do Cristo Bom Pastor que leva as ovelhas nos seus ombros, as quais confio a cada sacerdote com relação ao cuidado e à caridade social.

**2.2.** Por isso, a paróquia, com suas celebrações litúrgicas e em seus serviços, deveria levar em consideração a mobilidade das pessoas, a confluência de muitas delas a alguns lugares e a nova assimilação geral de tendências, costumes, modas e horários. O pároco, ao estabelecer na paróquia os horários das Missas, das confissões, do atendimento pessoal aos seus fiéis, das exéquias, da distribuição do sacramento da unção dos enfermos, deve considerar quais são os momentos mais adequados para a maior parte dos fiéis, permitindo também aos que têm dificuldades especiais de horário que possam se aproximar facilmente dos sacramentos, desdobrando-se em possibilidades para que todas as categorias de fiéis sejam atendidas a contento. Os horários para o bom atendimento é claro que variam de acordo com a região onde está situada a paróquia e as necessidades dos fiéis. É muito importante também saber partilhar os serviços e ministérios para que todos possam ser bem atendidos e encaminhados. Lemos nos Atos dos Apóstolos que, quando houve necessidade e também reclamações de dificuldade de atendimento, eles providenciaram a solução iluminados pelo Espírito Santo. Será muito bom que todos aproveitem o momento das homilias, ao menos dominicais, para que, bem preparadas e atuantes na realidade das pessoas, ajudem a todos na caminhada cristã. Em nossa situação temos necessidade de uma formação permanente, e a participação em Celebrações Eucarísticas bem preparadas e com homilias bem feitas pode ser um belo momento de crescimento para o nosso povo.

**2.3.** Enquanto participe da ação diretiva de Cristo Cabeça e pastor sobre seu Corpo, o sacerdote está especificamente capacitado para ser, no campo pastoral, o “homem da comunhão”: “Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera nesta mudança de época, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo”. Com tantos grupos, pastorais, movimentos, conselhos e tantos outros tipos de organizações pastorais é preciso recordar a responsabilidade pessoal do pároco na moderação da paróquia. Por outro lado, essa função de governo exige que ele seja um homem de comunhão, isto é, um homem de Deus, que una toda a paróquia. Somos chamados a ser homens que unam ricos e pobres, intelectuais e pessoas simples, jovens e idosos, mães de família e solteiras, religiosos e leigos, conservadores e progressistas, se é que ainda podemos usar esse tipo de nomenclatura, enfim, que saibam acolher e conduzir todos para a unidade. Nenhum pároco pode cumprir cabalmente sua missão de forma isolada ou individual, mas somente unindo suas forças às de outros presbíteros, sob a direção daqueles que estão à frente da Igreja. No futuro, será sempre mais importante a colaboração entre: os párocos de várias paróquias; os párocos e seus vigários; o clero diocesano e os membros dos institutos de vida consagrada; os clérigos e os leigos. É preciso favorecer um especial esforço de

compreensão mútua e de ajuda recíproca, inclusive as relações entre os presbíteros de mais idade e os mais jovens – uns e outros são igualmente necessários para a comunidade cristã e são apreciados pelos bispos e pelo Papa. O Concílio Ecumênico Vaticano II recomenda aos de mais idade que tenham compreensão e simpatia com relação às iniciativas dos jovens; e, aos jovens, que respeitem a experiência dos mais velhos e confiem neles; a uns e outros recomenda que se tratem com afeto sincero, segundo o exemplo que deram tantos sacerdotes de ontem e de hoje; o pároco e os demais sacerdotes, inclusive os religiosos, estão chamados a testemunhar a comunhão na vida cotidiana.

Em nossa arquidiocese, a memória de tantos santos sacerdotes ficou na história de nosso povo e muitos deles são recordados pelos nomes de ruas, praças, escolas, institutos e tantas outras homenagens, além, é claro, da gratidão do povo de Deus que escuta dos seus antepassados as histórias desses desbravadores intrépidos da região na missão evangelizadora, fundando comunidades, capelas, paróquias.

**2.4.** O pároco não consegue realizar pessoalmente todas as atividades na paróquia, por isso deve partilhar as responsabilidades para que se realizem de maneira oportuna, conforme a reta doutrina e a disciplina eclesial, segundo as circunstâncias e sempre sob a própria responsabilidade. O sacerdote deve ajudar os leigos a descobrirem e realizarem sua vocação específica em comunhão com os demais fiéis. O realizador desta comunhão e desta pertença de comunhão do presbítero ao povo de Deus é o Espírito Santo. Dado que Ele impregna e motiva todas as áreas da existência, então também penetra e configura a vocação específica de cada um. Assim se forma e desenvolve a espiritualidade própria de presbíteros, de religiosos e religiosas, de pais de família, de catequistas, consagrados, animadores e evangelizadores e tantos outros ministérios e serviços. Cada uma das vocações tem uma forma concreta e distintiva de viver a espiritualidade, que confere profundidade e entusiasmo ao exercício de suas tarefas. O apostolado dos leigos se desenvolve em boa parte nas pastorais, nas associações e movimentos que atuam em plena sintonia eclesial e em obediência às diretrizes dos pastores. A unidade será o grande segredo de todo o trabalho e a alegria de ver os frutos acontecerem.

**2.5.** A partir da perspectiva global da diocese, vejo que falta levar em consideração em sua justa medida o fiel leigo, o religioso e outros consagrados na vida da Igreja, tanto no interior da própria comunidade cristã como no que diz respeito à sua presença no mundo. Felizmente cresce a consciência de que, além dos problemas da cultura pós-moderna, apresentam-se outros, como o da alta porcentagem de católicos que vivem longe da prática religiosa, o problema da diminuição drástica, por diversas causas, do número daqueles que se declaram católicos. Grande causa é justamente a falta de uma iniciação cristã realmente consequente, que leve a pessoa ao encontro pessoal com Cristo e aprofunde sua fé a ponto de viver com coerência e heroísmo o seguimento do Senhor. Frente a esta realidade, é urgente acolher com generosidade o convite feito pelo Santo Padre Bento XVI, no Brasil, a uma verdadeira “missão”, dirigida aos que, inclusive, tendo sido batizados, por diversas circunstâncias históricas não foram suficientemente evangelizados por nós. Nesse sentido, o trabalho da missão continental, que significa viver em estado permanente de missão, tem sido o caminho que estamos percorrendo enquanto preparamos o nosso próximo Plano de Pastoral. Nesta tarefa, é preciso aproveitar os meios de comunicação para evitar a expansão de uma cultura que tenta rejeitar Deus e está profundamente marcada pelo secularismo, pelo relativismo, pelo falso cientificismo, pela indiferença religiosa,

pelo agnosticismo e por um laicismo frequentemente militante e antirreligioso.

**2.6.** O sacerdote é convidado a buscar, no modelo do Servo de Deus, o saudoso Papa João Paulo II, as prioridades para viver o seu ministério: santidade, oração, santíssima Eucaristia dominical, sacramento da Reconciliação, primazia da graça e escuta e anúncio da Palavra. Segundo o exemplo oferecido pelo santo pároco de Ars, cuja celebração dos 150 anos de sua morte proporcionou a celebração deste Ano Sacerdotal que estamos encerrando, e por outros sacerdotes exemplares que exercitaram seu ministério, está no centro da atividade pastoral do pároco a administração dos sacramentos, particularmente da Eucaristia e da Penitência. Entre as numerosas atividades que uma paróquia desenvolve, nenhuma é tão vital ou formativa para a comunidade como a celebração dominical do dia do Senhor e de sua Eucaristia. Cada paróquia, em definitivo, está fundada sobre uma realidade teológica, porque ela é uma comunidade eucarística. Por esta razão, o Concílio Vaticano II recomenda: “procurem os párocos que a celebração do sacrifício eucarístico seja o centro e o ponto culminante de toda a vida da comunidade cristã”. Isso significa que a paróquia é uma comunidade idônea para celebrar a Eucaristia, na qual se encontram a raiz viva da sua edificação e o vínculo sacramental do seu existir em plena comunhão com toda a Igreja. Uma atenção particular deve ser dada pelos párocos às confissões individuais, no espírito e na forma estabelecidos pela Igreja; também à direção espiritual a quem a solicitar. Não se pode evangelizar em longo prazo sem dar a primazia a Deus e sem vida interior. Poderíamos dizer que a crise moral e social da nossa época, como os problemas apresentados tanto pelas pessoas como pelas famílias, fazem sentir com mais força esta necessidade de ajuda sacerdotal na vida espiritual. É preciso recomendar vivamente aos presbíteros um novo conhecimento e uma nova entrega ao ministério do confessor e da direção espiritual, também por causa das novas exigências dos leigos, que têm mais desejos de seguir o caminho da perfeição cristã que o Evangelho apresenta. No contexto do Ano Sacerdotal, todo sacerdote deve fomentar uma especialíssima e prioritária atenção às vocações ao sacerdócio, e à vida consagrada constitui uma das prioridades pastorais.

### **3. O Cura d'Ars**

Em um mundo em que a visão comum da vida compreende cada vez menos o sagrado, em cujo lugar o “funcional” se converte na única categoria decisiva, a concepção católica do sacerdócio poderia correr o risco de perder sua consideração natural, às vezes, inclusive, dentro da consciência eclesial. A paróquia de Ars era uma paróquia de camponeses e muito pequena, com aproximadamente 230 fiéis. No entanto, recorda-se que São João Maria Vianney não só ajudava os sacerdotes doentes nas paróquias vizinhas, mas ofereceu seu constante serviço de confessor e de diretor de almas a milhares de fiéis que chegavam em número sempre crescente, de todas as partes da França. Com frequência, tanto nos ambientes teológicos como também na prática pastoral concreta e de formação do clero, confrontam-se, e às vezes querem colocar em oposição, duas concepções diferentes do sacerdócio, descritas recentemente pelo Papa Bento XVI: a) A concepção social-funcional, que define a essência do sacerdócio com o conceito de “serviço” – o serviço à comunidade na realização de uma função. A concepção de serviço corresponde à primazia da Palavra e do serviço do anúncio. b) A concepção sacramental-ontológica, que naturalmente não nega o caráter de serviço do sacerdócio, mas “o vê ancorado no ser do ministro e considera que este ser está determinado por um dom concedido pelo Senhor através da mediação da Igreja, cujo nome é sacramento” (Ratzinger, J. Ministério e vida do sacerdote, in: *Elementi di Teologia fondamentale. Saggio su fede e ministero*. Bréscia: 2005,

p. 165). A concepção sacramental-ontológica está vinculada à primazia da Eucaristia no binômio “sacerdócio-sacrifício”. A vida do nosso padroeiro é um grito claro dos caminhos a serem percorridos em nossa missão: amarmos o povo, acolhermos e servirmos com as celebrações eucarísticas e com a confissão aqueles que o Senhor colocou à nossa frente, ministrar a catequese aprofundando a fé e vivendo a ascese e mística em constante oração e abertura para Deus. Neste ano muitos livros foram escritos ou reimpressos sobre o Cura d'Ars. Muitos artigos aprofundaram aspectos de sua vida. Cabe a nós acolher o que o Senhor nos fala através desses sinais e, com a abertura de nossa mente e coração, deixarmos-nos conduzir pelo Espírito de Deus.

#### **4. A Paróquia**

**4.1.** A paróquia é uma concreta “*communitas christifidelium*”, constituída estavelmente no âmbito de uma Igreja particular, cuja pastoral é confiada a um pároco como pastor próprio, sob a autoridade do bispo diocesano. A paróquia, por isso, é muito atual, e terá um futuro aonde sempre novas formas irão aparecendo e atuando.

**4.2.** As paróquias de nossas grandes cidades são muito povoadas. É impossível que o pároco de uma populosa paróquia urbana conheça pessoalmente todos os seus fiéis. Será preciso dividi-las em unidades menores e mais acessíveis. A atual organização em capelas em regiões populosas e com os círculos bíblicos existentes em nossa Arquidiocese é uma boa direção. Porém, podemos dar os passos que nos pedem os encaminhamentos da Igreja nestes últimos tempos: a paróquia enquanto uma rede de comunidades. A rede de comunidades, que podemos chamar de muitas maneiras, tem algumas características que a distinguem de um movimento ou pastoral. A rede de comunidades é a maneira como a paróquia atua em toda a sua área pastoral, através de uma presença bem localizada e com uma diferença essencial: estão em comunhão entre si e com a paróquia e elas com a Diocese. Nesse sentido, as comunidades estão interligadas e fazem parte do Plano de Pastoral e da comunhão diocesana. As dificuldades que no passado atrapalharam essa bela caminhada foram justamente a separação e a divisão das mesmas sem caminhar na unidade, que é um dos sinais que Cristo deixou para a Sua Igreja. O sentido da rede de comunidades está justamente em estar encarnada em sua realidade e vivenciando a Igreja na Diocese.

A outra maneira de trabalharmos é através das foranias ou grupo de paróquias limítrofes, que, compartilhando as mesmas preocupações podem, além de ajudar na comunhão entre os presbíteros, providenciar também para que os desafios missionários e pastorais sejam compartilhados. O fortalecimento das reuniões das foranias pode ajudar – e muito – nesses atuais desafios que ora enfrentamos. Os vicariatos e o trabalho da coordenação de pastoral da Arquidiocese irão ajudando nessa reflexão tanto de unidade como de presença encarnada em todas as realidades diocesanas.

#### **5. Alguns desafios**

Além das dificuldades de formação, comunicação e aprofundamento da fé, experimentamos hoje alguns desafios que, ao desunir a família, fragmentam os valores da vida e da justiça.

Vivemos tempos difíceis e que não facilitam o trabalho evangelizador. Não podemos dar como já pronto o trabalho depois da iniciação cristã. Necessitamos de um crescimento diário diante das situações que a cada dia corrompem os costumes e a caminhada cristã e humana.

A família é uma das que mais sofrem com essas dificuldades, com consequências desastrosas para a cultura de nossa época. Mas também as presenças do álcool, da droga, da violência, da corrupção, da insatisfação com a vida estão presentes no coração das pessoas. Ao buscar as soluções para suas dificuldades nem sempre as pessoas conseguem ver com facilidade os caminhos. Eis a nossa importante missão nesta atual conjuntura social, e complexa situação humana de nosso tempo.

## **6. A espiritualidade**

### **6.1. O Sacerdócio como mediação entre Deus e os homens.**

**6.1.1.** O sacerdócio ministerial se expressa no ministério da Palavra e dos sacramentos. O sacerdócio ministerial, como ministério da Palavra e dos sacramentos, oferece ao povo de Deus a claridade do chamado que Deus faz à comunidade e cria as condições para escutar esse chamado: construir a comunidade.

**6.1.2.** O sacerdócio é uma verdadeira mediação salvífica-sacramental que se expressa através do seguimento peculiar de Cristo Bom Pastor. A consciência de eleição pessoal amorosa de Deus influenciará muito na vida e na espiritualidade do sacerdote. O ministério sacerdotal é um seguimento de totalidade, expressado em termos de pobreza, generosidade, associação esponsal e humilde (sequela christi).

### **6.2. Caridade como a do Bom Pastor**

Na realidade há um só Pastor: Nosso Senhor Jesus Cristo. E Ele é a fonte e o modelo dos demais pastores. A caridade pastoral é a nota característica do ministério sacerdotal como prolongação do atuar e da disponibilidade de Cristo Bom Pastor. A caridade que arranca uma consagração que se orienta para uma missão universal e que exige a imolação da própria vida. É o serviço pastoral como sintonia à proximidade e humilhação a “Kenosis” (esvaziamento de si). O modelo é sempre Cristo Bom Pastor. Pouco a pouco o Senhor irá nos formando de tal forma que experimentaremos a alegria de servir e amar o povo que o Senhor, através da Igreja, colocou para levarmos adiante no caminho da santidade. Um dos segredos de um bom pastoreio é justamente amar o povo que é de Deus e, com Cristo, dar a vida por esse mesmo povo, à semelhança d'Aquele que, entregando por nós Sua Vida, nos impulsiona para viver esse grande dom, que é também nossa grande alegria! Quanto mais estivermos empenhados nessa direção mais os nossos corações estarão imersos na experiência de Deus que nos ama e que nos convida a anunciar o Seu amor a todos na construção desse mundo novo.

### **6.3. A incardinação na família arquidiocesana**

Cristo sacerdote prolonga sua realidade sacerdotal na Igreja, especialmente através do ministério apostólico. O corpo de Cristo, que é a Igreja, se concretiza onde se celebra a Eucaristia; se faz espaço e tempo. Os presbíteros são imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote; participam do ofício de Cristo, único mediador; exercitam o ofício de Cristo Sacerdote, Pastor, cabeça, na medida de sua autoridade. A incardinação reporta de positivo o que de positivo dá a estabilidade. O sacerdote pertence concretamente a uma família. O seu presbitério que, junto com o Bispo, tem a missão de servir a uma Diocese, está também aberto à universalidade que abrange o mundo. Como Paulo, ele tem para onde retornar quando parte para a missão e partilha com a sua “família” as suas experiências de ver como o Senhor o precedeu na missão. Não é o presbítero só como indivíduo que significa a Cristo, mas sim o “conjunto” na Igreja particular. Por isso, tanto na missão paroquial, como na missão em outras regiões o presbítero



leva consigo a “sua família” onde está incardinado. No ministério da unidade se faz uma exigência vital que vai influenciar profundamente em sua espiritualidade de comunhão que funde suas raízes no Mistério Trinitário.

#### **6.4. Gestos positivos em nossas vidas**

**6.4.1- Relação com a comunidade** – a procedência e o destino do sacerdote é o povo. Por isso mesmo, todo nosso melhor espaço de tempo poderia ser empregado na missão junto ao nosso povo, seja celebrando, atendendo, visitando, acompanhando ou dirigindo espiritualmente aqueles que estão confiados a nós ou que nos procuram para buscar um encontro com Deus. A importância de estar unido à comunidade, mesmo com as necessárias e devidas correções proféticas, deve ser um sinal fortíssimo de nossa vida e nosso trabalho. O “vede como se amam” deveria ser uma exclamação comum das pessoas que nos conhecem.

**6.4.2- Relação dos presbíteros entre si** – o cultivo da fraternidade sacerdotal.

A necessidade de vivermos unidos na graça de Deus faz com que sejamos sempre mais acolhedores uns dos outros. Somos de diversas mentalidades, nações, formações, espiritualidades, visões de mundo e de Igreja – nada disso deve nos deixar separados ou uns contra os outros. Não aspiramos a honras e sim a servir melhor o nosso povo e viver com alegria a nossa vocação. É isso que dá sentido pleno à nossa vida: quanto mais conformamos nossas vidas com o Cristo. Sentirmo-nos como irmãos uns dos outros! Eis o desafio da pastoral presbiteral. Sabermos nos ajudar mutuamente no bem e, quando necessário, termos a caridade de nos corrigirmos mutuamente. A posição onde fomos colocados é de tal importância que influencia a caminhada de todo um povo. A alegria da comunhão presbiteral não só por sermos membros de uma mesma arquidiocese, vicariato ou forania, mas por experimentarmos que somos irmãos que foram chamados pelo mesmo Senhor. Mesmo tendo serviços diferentes e funções diversificados, saibamos nos valorizar sempre mais uns aos outros. O tempo de estar uns com os outros, partilhando a vida, experiências espirituais, momentos de oração, reflexão e estudos será um tempo muito bem empregado, que fará bem não apenas ao padre, mas a todo o seu povo e a toda Igreja. O meu convite para que nos olhemos uns aos outros como irmãos e nos amemos como Cristo nos ensinou, e isso de uma maneira efetiva e afetiva. O presbitério antes de ser uma organização e um grupo de trabalho é constituído por homens de Deus que, fazendo uma experiência do seguimento de Cristo, responderam o seu “sim” ao chamado de Deus e se colocaram a caminho para servirem com alegria o Povo de Deus.

**6.4.3- Sensibilidade para a pastoral orgânica** – o trabalho em equipe traz como consequência a amizade sacerdotal e a vida comum.

Estamos trabalhando na confecção do 11º Plano de Pastoral da Arquidiocese. Todos nós temos muitas ideias, necessidades e soluções. No entanto, precisamos chegar a algumas conclusões comuns para o nosso trabalho, mesmo sabendo que particularmente cada realidade irá atuar de acordo com os problemas locais. Mas não podemos viver desarticulados da pastoral orgânica. Somos como um corpo que necessita que todos os membros estejam sadios para que possa cumprir bem a sua missão. Somos também como uma orquestra que, mesmo tendo professores em tantos instrumentos que são executados diferentemente, no entanto precisamos ter a mesma partitura e a mesma tonalidade. Apesar de tantos mestres, necessitamos de um maestro que nos ajude a trabalhar nessa unidade.

O escândalo das divisões ou orientações desconexas com a caminhada da Igreja gera muitas vezes perplexidade entre o nosso povo. Saibamos ter a humildade de caminharmos juntos e trabalharmos juntos na mesma direção. É a famosa unidade na diversidade ou pluralidade.

### **6.5 – Dificuldades na caminhada**

Não posso, porém, deixar de pedir que nos ajudemos uns aos outros com relação aos isolamentos que alguns de nossos irmãos caem e acabam muitas vezes desanimados e sós. Isso leva muitos a uma caminhada com dificuldades e muitas vezes a não encontrar o caminho de volta para o entusiasmo e a alegria do serviço ao povo de Deus.

Creio também que a nossa unidade não pode ser atrapalhada com a crítica maldosa e sem sentido que muitas vezes ocorre. Podemos e devemos nos corrigir uns aos outros, porém muitas vezes o que ocorre é a destruição da boa fama de um irmão. Às vezes vivemos algumas atitudes infantis devido a um escasso crescimento psicológico.

Também necessitamos estar muito conscientes de que ao nosso redor, embora devamos estar em diálogo com todos, no entanto o hedonismo, materialismo e a busca do poder podem nos contaminar em nossa vida e missão. Quantas vezes o interesse econômico nos coloca com dificuldades nas injustiças e nos direitos humanos das pessoas! São tantos fatores hoje existentes que impedem a espiritualidade de comunhão.

O trabalho de ajuda mútua, de partilha e de corresponsabilidade deve nos animar nessa nossa caminhada, dando-nos as mãos e procurando caminhos para resolver as dificuldades que nos são apresentadas a cada instante.

Este tempo de Quaresma é um bom momento para recolocarmos a nossa vida e nossa missão novamente diante de nossos olhos e refazermos nossas opções, nosso sim, nossa disponibilidade. Se um dia isso foi na alegria e na facilidade de uma celebração, muitas vezes no hoje teremos que fazê-lo com sacrifício, mas sabendo que aquelas sementes que hoje colocamos na terra chorando, estaremos colhendo cantando no futuro.

### **6.6 – A beleza da diversidade**

Temos uma história de séculos! Além dos sacerdotes (presbíteros, bispos, arcebispos, cardeais) que nos precederam, cujos nomes estão em inúmeros logradouros públicos – e estão também na memória e na história de nossas comunidades – temos muitos exemplos naqueles que o tempo e as lutas da vida diária tornaram os seus passos mais lentos, mas continuam com a eterna juventude do coração que se santifica na dor e no sacrifício e que nos ajudam com a sua oração e intercessão. O nosso carinho por todos eles e a acolhida por tão grandes dons que temos em nossa Arquidiocese. De maneira especial agradeço aos meus imediatos predecessores pela vida, exemplo e trabalho aqui desempenhados e peço que o Senhor continue a recompensá-los pela dedicação e serviço.

Entre nós alguns presbíteros exercem funções em diversas situações acadêmicas e também em Capelarias diversas, tanto nos hospitais e em casas religiosas, como em especial às das forças armadas e auxiliares. Todos somos chamados a nos sentir unidos uns com os outros nessa diversidade de funções, sejam formativas, seja de assistência, seja de presenças. É uma bela presença e gostaria de todos se sentissem contemplados como membros de um trabalho que faz história nestas terras de São Sebastião.

Outro trabalho importante tem sido daqueles que na pesquisa e nos estudos ajudam na reflexão e na formação, tanto ao interno da Igreja como também nos vários âmbitos do conhecimento e em especial nas Universidades. Também fazem pastoral com a sua missão, seus estudos, seu trabalho e principalmente como testemunho de vida.

A nossa cidade tem como característica a acolhida, como bem demonstra o Cristo Redentor de braços abertos no alto do Corcovado. Por isso mesmo também entre nós residem muitos irmãos presbíteros que aqui vêm para seus estudos de especialização e se incorporam em nossa realidade durante o tempo em que estão se preparando para servir melhor suas dioceses. Também dizemos a todos que, além de bem-vindos, durante a permanência em nossa Igreja Particular, fazem parte de nossa unidade pastoral.

Aqui também nos recordamos de tantos irmãos que, tendo seu carisma na vida religiosa, trabalham conosco na mesma vinha do Senhor. Somos chamados à essa unidade na diversidade de dons e carismas. São tantos Institutos, Congregações e Ordens que fazem parte de nossa história e que ainda hoje continuam partilhando conosco as alegrias e desafios da evangelização, seja pelo seu testemunho de vida, seja pelo trabalho específico em alguma pastoral, paróquia ou ensino. Como sacerdotes também fazem parte de nossa unidade arquidiocesana.

Durante o Ano Sacerdotal, em que todo o nosso povo está sendo convidado a rezar pelos seus padres e ajudá-los na santificação da vida, olhamos também com carinho para os que nos sucederão e que, graças a Deus, o Senhor tem nos enviado tantas e belas vocações.

Nesse sentido lembramos a importância da formação da juventude, e em especial dos nossos seminaristas.

## **7 – O Seminário**

O Seminário Arquidiocesano de São José completou, em 2009, 270 anos de existência. Uma história que tem raízes nesta abençoada terra e que ainda hoje vemos com muita alegria que as vocações continuam brotando nas mais diversas situações desta grande cidade. Também as megalópoles em sua diversidade cultural e social despertam as vocações para especial consagração, e nisso nossa Arquidiocese é chamada a agradecer a Deus. Sabemos que por mais vocações e ordenações que tenhamos, “a messe é grande, mas os operários são poucos” (Mt 9,37). Quantas pessoas pedem sacerdotes para suas comunidades, suas paróquias, suas capelas! Quantos desejam uma presença mais próxima do padre que, pelo fato de ter dezenas de capelas para celebrar e outras dezenas de reuniões e compromissos, não consegue dar a assistência especial ao seu povo como desejaria.

Muitos acabam desanimando com as dificuldades em atender bem a todas as pessoas que, sedentas, procuram no ministério sacerdotal tantas soluções ou bênçãos para suas vidas!

O Papa João XXIII recordou também no centenário da morte do Cura d'Ars que “em tantas regiões os apóstolos gastos pelo trabalho esperam ansiosamente os que hão de rendê-los! Povos inteiros sofrem de uma fome espiritual ainda mais grave do que a do corpo; e quem lhes levará o alimento celeste da verdade e da vida? Esperamos firmemente que a juventude desse século não seja menos generosa em corresponder ao apelo do mestre do que as dos tempos passados”.

É o que nos recorda também o Documento de Aparecida: “Esta V

Conferência fez um chamado urgente a todos os cristãos, especialmente aos jovens, para que estejam abertos a uma possível chamada de Deus ao sacerdócio ou à vida consagrada; recorda que o Senhor dará a graça necessária para responder com decisão e generosidade, apesar dos problemas gerados por uma cultura secularizada, centrada no consumismo e no prazer.

Nestes tempos de dificuldades, mas também de grandes generosidades, o Espírito Santo nos tem dado respostas belíssimas com as vocações que afluem aos nossos seminários. Sabemos que hoje, quando somos alvo de tantos ataques, o Senhor continua colocando no coração da juventude os nobres ideais de uma vida totalmente dedicada a serviço do Senhor e do Povo. O Cura d'Ars dizia que “quando se quer destruir a religião, começa-se por atacar o padre”.

Mas, hoje, a alegria de ser padre e dedicar-se na gratuidade a essa missão tem levado muitos jovens a continuarem entregando generosamente sua juventude pela causa do Reino de Deus, e nisso estão sendo um sinal de contradição para esta geração, e ao mesmo tempo, um sinal de salvação.

Vai aqui o nosso convite para um dinamismo ainda maior no trabalho vocacional em nossas paróquias e o apoio ao seminário e seminaristas.

## **8. A inculturação em sua terra**

O padre diocesano está marcado ordinariamente por limites geográficos concretos. É perfeitamente identificado em sua raça, família, tradições, costumes. Leva o ritmo de sua gente. Mesmo que não tenha nascido nessa cidade, assume a vida e a história do seu povo. Nesta nossa grande cidade experimentamos uma superposição de culturas e, de certa maneira, temos todas as várias situações pastorais e sociais aqui presentes. O universo humano está presente em nossa Arquidiocese. Nesse sentido temos elementos positivos: Viver a autenticidade sacerdotal em todas as situações; a relação pessoal com Deus, o mundo e o homem, que nos faz ter o coração e a mente em Deus e ao mesmo tempo diante da realidade muitas vezes com problemas gritantes. Por isso vivermos concretamente a vida onde os nossos pés pisam. O padre é o homem que crê – adesão total à Palavra de Deus; é o discípulo, o Seguidor – obediente a Cristo; é também o Pastor – sinal eloquente do Bom Pastor; aquele homem veraz e sincero que dá testemunho luminoso – enfim, reflexão, fé, obediência, conhecimento, liberdade, esperança, pobreza, serviço, caridade, castidade e amor até o extremo. Situações muitas vezes humanamente impossíveis, mas, com certeza, possíveis para Deus – o mesmo que, ao “sim” de Maria, tornou possível aquilo que era impossível na mentalidade do tempo: Deus se tornar um de nós!

## **9. A Igreja diocesana**

A Igreja particular é a concretização (não parcialização) da Igreja Universal. Na Diocese ou Arquidiocese conta-se com todos os meios salvíficos: Bispo, Palavra, Sacramentos e Pastoral. É a espiritualidade de compromisso concreto e ao mesmo tempo de disponibilidade e abertura. As pautas de trabalho responsável que chegarão a ser realidade à medida que cada um contribua com seu próprio esforço e carisma: 1- Linha de serviço – ter como modelo e mestre Cristo Sacerdote, o qual não veio para ser servido, mas para servir. 2- Linha de evangelização sem fronteiras – consagração e missão participadas de Jesus. 3- Linha de comunhão fraterna e eclesial no presbitério, como sinal coletivo do Bom Pastor a serviço da comunidade eclesial local e universal. 4- Linha de transparência e testemunho do Bom Pastor, como santificação através do ministério e como sinal e estímulo do seguimento de Cristo.

No passaporte invisível do sacerdote, aquele com o qual se apresenta cada dia diante de Deus e de seu povo, no campo “profissão”, dever-se-ia poder ler: “Servo de Jesus Cristo”. Todos os cristãos são servos de Cristo, povo sacerdotal, mas o padre é sacerdote a um título de modo diverso todo particular.

## **10. Amigos de Cristo**

Como Servos de Jesus Cristo nós acrescentamos o título de amigos de Jesus. A raiz comum de todos os ministérios ordenados que se perfilará posteriormente é a eleição que um dia fez Jesus dos Doze; isso é o que da instituição sacerdotal se remonta até o Jesus histórico. A liturgia apresenta, é verdade, a instituição do sacerdócio na Quinta-feira Santa, por causa da palavra que Jesus pronunciou depois da instituição da Eucaristia: “Fazei isto em memória de mim”. Mas esta frase também pressupõe a eleição dos Doze, sem contar que, se for tomada sozinha, justificaria o papel de sacrificador e de liturgo do sacerdote, mas não o de anunciador do Evangelho, que é da mesma forma fundamental. Que disse naquela ocasião Jesus? Por que escolheu os Doze, depois de ter rezado durante toda a noite? “Instituiu Doze para que estivessem com Ele, e para enviá-los a pregar” (Marcos 3, 14-15). Estar com Jesus e ir pregar: estar e ir, receber e dar: em poucas palavras apresenta-se o essencial da tarefa dos colaboradores de Cristo. Estar “com” Jesus não significa apenas uma proximidade física; implica já toda a riqueza que Paulo encerrará na fórmula “em Cristo”, ou “com Cristo”. Significa compartilhar tudo de Jesus: sua vida itinerante, certamente, mas também seus pensamentos, seus objetivos, seu espírito. A palavra companheiro procede do latim medieval e significa quem tem em comum (con-) o pão (panis), que come o mesmo pão. Nos discursos de adeus, Jesus dá um passo adiante, completando o título de companheiros com o de amigos: “Não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu amo faz; chamo-vos amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai, vos dei a conhecer” (João 15, 15). Seria muito importante que pudéssemos refletir sobre esse título com o coração aberto e podendo dizer para nós mesmo e para os outros: “a palavra “amigos” me tocou com uma profundidade nunca antes experimentada; removeu algo no profundo de meu ser, até o ponto que durante o resto do dia repetia a mim mesmo, cheio de maravilha e incredulidade: “Chamou-me de amigo! Jesus de Nazaré, o Senhor, meu Deus! Sou seu amigo! E me parecia que com essa certeza era possível voar pelos ares e atravessar o fogo”.

Quando fala do amor de Jesus Cristo, São Paulo sempre dá a impressão de que se comove: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Romanos 8, 35), “me amou e se entregou por mim!” (Gálatas 2, 20). Tendemos a desconfiar da comoção e inclusive nos envergonhamos dela. Não sabemos a riqueza que perdemos. Jesus “se comoveu profundamente” e chorou ante a viúva de Naim (cf. Lucas 7, 13) e ante as irmãs de Lázaro (cf. João 11, 33-35). Um sacerdote capaz de se comover quando fala do amor de Deus e do sofrimento de Cristo ou quando recebe a confiança de uma grande dor, convence mais que com agudas racionalizações. Comover-se não significa necessariamente começar a chorar; é algo que se percebe nos olhos, na voz. É o “sentir com”, é o experimentar a partilha como quem não está longe do outro, mas ao lado do irmão. A Bíblia está cheia da descrição e interpretação de um Deus que se comove e vem ao encontro da humanidade. Basta recordar a parábola do Pai Misericordioso.

## **11. Ser presbítero hoje**

O sacerdote é, antes de tudo, e, sobretudo, “homem de Deus – “vir Dei”. Ao se falar sobre o sacerdote, não posso deixar de me lembrar da pessoa do Santo Cura d'Ars, proposto por São Pio X como

modelo de pároco, em cuja vida deve se espelhar todo verdadeiro sacerdote, ainda mais agora que o Papa Bento XVI propõe a figura do ilustre e santo sacerdote como patrono de todo o clero.

E o Papa João XXIII, em sua Carta Encíclica, por ocasião do centenário da morte do Cura d'Ars, assim se expressa: “Falar de São João Batista Vianney é evocar a figura de um sacerdote excepcionalmente mortificado que, por amor de Deus e pela conversão dos pecadores, privava-se de alimento e sono, impunha-se penitências e, sobretudo, levava a renúncia de si mesmo a um grau heróico. Se é certo que comumente não é pedido a todos os fiéis que sigam este caminho, a Divina Providência dispôs que nunca faltem almas, que, levadas pelo Espírito Santo, não hesitem em caminhar por estas vias, porque tais homens operam com este exemplo o regresso de muitos milagres de conversão ao bom caminho e à prática da vida cristã!”

E ele continua dizendo aos padres: “desejamos afirmar-vos a nossa viva esperança, de que, pela graça de Deus, este centenário da morte do Cura d'Ars despertará mais generosamente seu ministério e, sobretudo “este primeiro dever, que é trabalhar na sua própria santificação”. Ainda mais: sem o padre em “sua ação cotidiana, que seria das iniciativas mais apropriadas às necessidades do momento? Que fariam mesmo os mais generosos apóstolos leigos? É a estes padres tão amados e sobre os quais se fundam tantas esperanças de progresso na igreja que ousamos pedir, em nome de Cristo Jesus, inteira fidelidade às exigências espirituais da sua vocação sacerdotal. Estas sábias palavras de S. Pio X realçam o nosso apelo: "Para fazer reinar Jesus Cristo no mundo nada é mais necessário do que um clero santo, que seja, com o exemplo, com a palavra e com a ciência, guia dos fiéis". Quase o mesmo dizia S. João Maria Vianney ao seu bispo: "Se quiserdes converter a vossa diocese, será preciso tornar santos todos os vossos párocos!"

## **12. Concluindo**

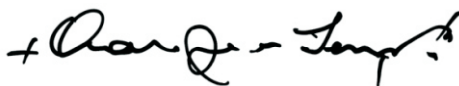
Queridos padres do presbitério do Rio de Janeiro: Deus nos chama e nos envia como discípulos-missionários de Jesus Cristo. Como fico edificado com a generosidade e trabalho, muitas vezes em condições adversas, daqueles que aqui servem a Deus através desse querido povo. As conversas, as partilhas, a presença nas paróquias vendo o trabalho tanto de adaptações nas construções como principalmente do ânimo de evangelização, as diversas iniciativas evangelizadores tanto paroquiais como regionais ou diocesanas me fazem render graças a Deus por todos! Neste Ano Sacerdotal quero afirmar a minha alegria em poder partilhar da vida e dos caminhos desses irmãos e filhos que Deus colocou em minha história e pelos quais sou chamado a ajudar na caminhada de santificação! Abraço a todos e rezo por todos! A abertura de coração, o interesse pela Igreja, a obediência ao Senhor, a busca alegre de servir que percebo nos trabalhos dos sacerdotes me entusiasma em servir ainda mais esta bela Igreja que está no Rio de Janeiro. Louvo a Deus por todos que aqui vivem o seu chamado vocacional onde agora também estou inserido e comprometido com esta histórica igreja, olhando e indo para a grande cidade com todas as suas diferentes realidades para anunciar a Ressurreição!

As tentações, as dúvidas, as resistências fazem parte da nossa história, o que gera a consciência de que sempre somos pecadores, mas também convidam a uma abertura à graça do Deus que sempre nos perdoa. É a atitude permanente de conversão que a Igreja pede aos seus fiéis neste tempo favorável da Quaresma – que façamos uma autêntica busca do rosto de Deus e uma conversão sincera, abandonando as disputas e as vaidades e colocando a mão no arado para testemunharmos nesta bonita cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro a santidade de Cristo, que é a santidade de nosso presbitério.

“Deus, pastor e guia da Igreja, vos guarde constantemente com sua graça para cumprirdes com fidelidade os deveres de presbíteros; Ele vos faça no mundo servos e testemunhas da verdade e do amor de Deus e ministros fiéis da reconciliação, e vos faça também verdadeiros pastores que levam a seu povo o pão vivo e a palavra da vida para que cresça na unidade do Corpo de Cristo.”

Agradecendo a todos os presbíteros pela generosa e delicada colaboração, abençoo-os em Nome do Pai +, e do Filho + e do Espírito Santo. Amém.

São Sebastião do Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2010

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Orani João Tempesta". The signature is fluid and cursive, with a cross at the beginning and end.

**Dom Orani João Tempesta, O. Cist.**  
Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro